

8/6/1987

Sindicatos rurais de São Paulo assumem posição antipartidária

Sônia Carvalho

SÃO PAULO — De uma postura assistencialista para uma linha mais reivindicatória, o movimento sindical rural passa por um profundo processo de mudança no interior de São Paulo. Encerrada na última sexta-feira em 40 municípios, a greve de mais de 100 mil cortadores de cana deixou claro que novos comandantes estão assumindo a cena e que cada vez mais a ação dos partidos políticos é repelida por essa massa de trabalhadores. De 1984 para cá, 23 sindicatos rurais foram criados e, em todos eles, há preocupação de evitar a influência partidária. Outros tantos sindicatos foram conquistados por dirigentes jovens que destronaram velhas diretorias conservadoras.

Se ainda não houve uma mudança radical da mentalidade assistencialista que impera nos 182 sindicatos rurais do interior de São Paulo, começa ao menos a surgir uma nova geração de sindicalistas que combate esse tipo de atuação exercida por quase metade das lideranças rurais do estado e que privilegia a negociação, sem deixar de partir para o confronto com o patronato quando necessário. Alguns desses líderes surgiram do trabalho desenvolvido pela Comissão Pastoral da Terra, da CNBB, que mantém 50 agentes no norte do estado, na região de Ribeirão Preto.

É o caso, por exemplo, de Alcides Inácio de Barros Filho— o Cidinho— um negrão de 1,84m e 112 quilos. Com um discurso truncado — fruto da dificuldade de absorver conceitos novos —, Cidinho não distingue com clareza a diferença entre capitalismo e o socialismo. Mas está seguro de que a exploração no campo não irá acabar enquanto o trabalhador não for o dono da terra. "Eu sentia isso, mas só fiquei sabendo que a exploração só vai terminar com o fim do capitalismo quando fiz um curso no Rio Grande do Sul", diz ele. Cidinho foi um dos muitos líderes sindicais identificados e educados no seio da Comissão Pastoral da Terra e absorveu profundamente o discurso da não violência, que transmite em todos os contatos com os 5 mil bóias-frias que comanda no município de Barrinha, onde preside o sindicato rural.

O mesmo discurso é feito também por Idazir Ovivato, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Pitangueiras, entidade criada em 1985. "No início, freqüentei os cursos da CPT e aprendi como fundar um sindicato. Hoje eu sigo o que a Fetaesp fala", diz Ovivato. No último ano, ele participou de seis encontros promovidos pela poderosa Federação dos Trabalhadores da Agricultura do Estado de São Paulo, uma entidade sem perfil ideológico definido que dá a linha de ação a 182 sindicatos rurais. Nesses cursos, os sindicalistas rurais aprenderam sobretudo como atuar antes, durante e depois de uma greve e foram instruídos a convencer os trabalhadores a não sair de casa durante o movimento.

(Página 4)